

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: 79

Data 27 de março de 1975

Pg.:

Funai debate trabalho missionário

Do correspondente em
MANAUS

Enquanto o secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário, o jesuíta Egidio Schwade, chegava ontem a Manaus para participar — "se for convidado" — do seminário que a Funai realizará com as missões religiosas, a Funai anunciava que uma eventual ausência do Conselho nos debates não deveria ser considerada como o reinício das divergências entre os dois órgãos. Segundo o delegado regional da Funai, Francisco Mont'Alverne, "com o Cimi ou sem ele a Funai realizará o seminário, discutirá os erros e os desacertos dos missionários na sua política de aculturação dos índios do Amazonas e de Roraima". E, apesar da presença

do secretário-executivo do órgão em Manaus, afirmava que, para a Funai, "a ausência do Cimi já era esperada, pois o que o Conselho sabe fazer é criticar a política indigenista brasileira sem, contudo, apresentar as soluções adequadas".

Segundo o delegado da Funai — que expressou a opinião do presidente do órgão, general Ismarth de Araujo, sobre as críticas que o Cimi vem fazendo — "o Conselho critica a Funai dizendo que o Estatuto do Índio não está sendo cumprido, mas o único item do Estatuto que não está em execução é aquele que impede que o Cimi se intrometa diretamente na política indigenista nacional, quando ele é apenas um órgão consultivo da Funai, sem participação, portanto, no problema. Por outro lado, o Conselho não está sendo coerente ao permitir que as missões re-

ligiosas continuem explorando os índios, trabalhando nas áreas indígenas em proveito próprio, como é o caso da Missão Catrimani, em Roraima".

FALTA DE AFINIDADE

Ao analisar a situação dos índios cujas aldeias estão sob a responsabilidade das missões religiosas católicas, um pólogo explicava ontem grande maioria — salvo algumas exceções — das missões não está afinada com a cultura indígena. A região do Alto Rio Negro é a que apresenta mais e mais graves problemas, com a total transformação das posturas indígenas, em razão dos preceitos religiosos que os missionários procuram impor aos índios".

Segundo o antropólogo Peter Silverwood, da Funai, que está fazendo um levantamento da situação dos índios do Alto Rio Negro, os missionários, além de não aceitarem as opiniões e sugestões dos antropólogos e da própria Funai, entendem que a melhor maneira de se aculturar e de se integrar o índio à civilização é mudando seus hábitos e conceitos religiosos.

Francisco Mont'Alverne, por sua vez, comentava a recomendação da direção-geral do Cimi para que as missões religiosas católicas compareçam aos seminários da Funai mas não emitam opinião ou mantenham diálogo durante os debates. O delegado regional da Funai acha que "isso prova que o Conselho está agindo erradamente e, acima de tudo, com uma falta de ética a toda prova". Mont'Alverne garantiu, ainda, que o seminário apresentará uma série de inovações na política de atração e aculturação dos índios da Amazônia, "pois os grupos-tarefas realizaram todo o levantamento da situação de cada comunidade indígena e as soluções deverão surgir, práticas e objetivas, sem distorções. O índio precisa de ajuda financeira, material e humana: mudar seu modo de vida religioso é mudar toda sua estrutura racial".

INVASÃO DE BÁRBAROS

Para o secretário-executivo do Cimi, entretanto, os erros existentes na política de atração e aculturação dos índios no Brasil são mais da Funai — "que não possui uma filosofia própria de ação" — do que

das missões religiosas — "que hoje mudaram e reformularam seus princípios básicos de trabalho junto às comunidades indígenas justamente para que possamos — Funai e Cimi — encontrar o melhor caminho para a preservação dos costumes, hábitos e religião dos índios". Como exemplo, ele citou "a atração apressada e desmedida" dos índios waimiri-atroari, que ele considerou "uma invasão de bárbaros, uma estequese puramente econômica que feriu os próprios princípios do Estatuto do Índio".

O dirigente do Cimi refutou as acusações de que as missões desvirtuam a índole indígena por causa dos seus princípios religiosos: "isso não é verdade, porque quem for lidar com os índios deve, primordialmente, conhecer a religião indígena e respeitar sua cultura. E a Igreja começa a atingir esses princípios, reformulando tabus e se enquadrando nos preceitos da política indigenista brasileira". O padre Schwade lembrou que foi a própria Funai que feriu os princípios básicos do Estatuto do Índio, "ao transferir os kren-akarore para o Parque Nacional do Xingu, sem que eles estivessem realmente integrados à civilização". E perguntou: "Quem se responsabilizará pelos danos que essa transferência causará aos kren-akarore?"

Quanto às críticas à Missão Catrimani, em Roraima, junto aos índios waika, o jesuíta disse que o maior problema dos índios de Roraima é a posse de suas terras, constantemente invadidas por grileiros, "e seu maior pecado é viver sobre solos ricos, onde toda sorte de minérios têm sido descobertos".

TRANSFERÊNCIA

Sobre o problema, ontem o ministro Rangel Reis admitiu, em Brasília, a transferência dos índios waika da região do Surucucu, em Roraima, onde se pesquisa atualmente a existência de grandes reservas de urânio. Segundo o ministro, a mudança será feita sem prejuízos para os índios e sem violências: "O Estatuto do Índio — afirmou — tem artigo que não aconselha a transferência das tribos indígenas de seu habitat natural. Mas isso será feito, se necessário, pois não se pode esquecer dos benefícios que a exploração dos minérios trará ao desenvolvimento do País".